

MURILO RUBIÃO E A GERAÇÃO SUPLEMENTO

*Vera Lúcia Andrade**

A Jaime Prado Gouvêa

RESUMO

Em 1966, atendendo à solicitação do então governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, quanto à inclusão de uma página de Literatura no jornal oficial **Minas Gerais**, Murilo Rubião sugere a criação de um suplemento que, apesar do nome literário, incluiria matérias de música, artes plásticas e cinema. Estava assim criado o Suplemento Literário do **Minas Gerais**, que serviria de instrumento de expressão para toda uma geração de novos escritores e artistas mineiros que passaram a ser conhecidos como a “Geração Suplemento”. O presente texto trata exatamente dessa geração, procurando mostrar como ela se constituiu, os seus principais componentes e o tipo de produção que realizou, bem como intenta caracterizar a importância que o escritor Murilo Rubião teve para os jovens dessa época.

Era o ano da graça de 1966... Murilo Rubião já havia publicado grande parte de sua obra, como **O Ex-Mágico** (1947), **A Estrela Vermelha** (1953) e **Os Dragões e outros contos** (1965), mas não era ainda conhecido pelo grande público, o que só ocorrerá a partir de 1974, quando o editor Jiro Takahashi, da Ática, de São Paulo, aconselhado por Antonio Candido, transformou o quase desconhecido Murilo Rubião num fenômeno de livraria, com o lançamento de **O Pirotécnico Zacarias**, uma coletânea de oito contos, todos republicações, extraídos de seus livros anteriores.

Funcionário estadual licenciado, que optara pela Imprensa Oficial – quando de seu regresso, em 1960, de Madrid, onde fora adido cultural durante quatro anos –, Murilo Rubião, em 1966, trabalhava na redação do **Minas Gerais**, pouco tendo o que fazer num jornal que se limitava a publicar leis, decretos e atos administrativos. A situação mudará, sensivelmente, para Murilo, quando o então governador

* Universidade Feder.l de Minas Gerais.

de Minas, Israel Pinheiro, atento ao fato de que duzentas localidades do Norte de Minas estavam virtualmente ilhadas, sem receber jornais e informações do resto do país, a não ser o que lhes chegava pelo órgão oficial, e portanto obrigatório em repartições públicas, decide encomendar ao diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo de Senna, que preparasse uma seção noticiosa e uma página de Literatura, revivendo uma antiga tradição do **Minas Gerais** que, por algum motivo se perdera.

Havia, nessa ocasião, três intelectuais trabalhando na redação do jornal, Murilo Rubião, Ayres da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera, a quem a idéia foi levada. Murilo sugeriu, então, que em lugar de apenas uma página de Literatura fosse feito um suplemento, idéia que agradou a seu diretor. O projeto foi levado adiante, apesar da intelectualidade belo-horizontina que duvidava quanto à existência de material de boa qualidade que pudesse ser publicado semanalmente. Encarregado de ser o secretário da publicação, compondo com os outros dois colegas a comissão de redação, Murilo se vale da sábia lição de Mário de Andrade aos rapazes de **A Revista**, em 1925, e mistura autores novos e consagrados, numa fórmula que agrada a todos. Por outro lado, resolve fazer um suplemento que, apesar do nome, não fosse exclusivamente literário, mas que incluísse matérias de teatro, cinema e artes plásticas.

Em 3 de setembro de 1966, com Paulo Campos Guimarães na direção da Imprensa Oficial, vinha a público o primeiro número do “Suplemento Literário do **Minas Gerais**”, que estampava em sua primeira página um poema de Bueno de Rivera, ilustrado por Álvaro Apocalypse, e contou com nomes como Afonso Ávila, Murilo Rubião, Zilá Corrêa de Araújo, Ildeu Brandão, Paulo Saraiva, Laís Corrêa de Araújo – convidada para integrar a comissão de redação –, Libério Neves, Fábio Lucas, J. D’Angelo, João Camilo de Oliveira Torres, Márcio Sampaio, Flávio Márcio, Luís Gonzaga Vieira e outros.

Estava plantada, assim, a semente do que serviria de veículo de expressão de toda uma geração de jovens escritores mineiros, que passaram a ser conhecidos como “Geração Suplemento”. Logo alguns deles foram convocados para compor a equipe de redação, como Humberto Werneck, o primeiro a ser convidado por Murilo, Carlos Roberto Pellegrino, José Márcio Penido, Adão Ventura e João Paulo Gonçalves da Costa. Dela fariam parte mais tarde, entre outros, Valdimir Diniz, Jaime Prado Gouvêa e Paulinho Assunção. As artes plásticas ficaram por conta de Márcio Sampaio e, para dar uma feição moderna ao jornal, foi dada toda liberdade ao diagramador Lucas Raposo. As ilustrações ficaram a cargo de Álvaro Apocalypse, Chantina, Jarbas Juarez e Eduardo de Paula, todos já bastante conhecidos, e de novos que vinham surgindo, como Madu, Pompéia Britto da Rocha, Liliane Dardot, José Alberto Nemer, Carlos Wolney e José Márcio Brandão.

Eram todos eles muitos jovens (numa faixa de idade que variava entre 19 e 26 anos), alguns deles estudantes e outros recém-formados, em sua maioria advindos da Faculdade de Direito da UFMG, que, ou trabalhavam na equipe de redação do jornal, ou nele colaboravam, e que se reuniam todas as tardes na sala de redação do

suplemento, oficialmente Sala Carlos Drummond de Andrade, nome que lhe fora dado em homenagem ao já famoso escritor mineiro que, quando jovem, fora redator do **Minas Gerais**. Desaguadouro de todas as forças em movimento, existentes na época – como os jornais e revistas locais, que também reuniam jovens, como **Ptyx**, **Vereda**, **Estória** e **Texto**, por exemplo –, o Suplemento Literário do **Minas Gerais**, liderado por Murilo Rubião e aberto a todo iniciante, acabou se transformando numa quase oficina de redação, em que as colaborações eram criticadas e discutidas, e num instrumento de divulgação de rara eficiência, com significativa penetração inclusive no exterior.

Na verdade, o suplemento era o ponto de encontro dessa rapaziada, um ponto de encontro que ninguém tivera e que serviu para reunir essa turma nova que, “talvez, se não existisse o Suplemento, não teria nem existido”, depõe Jayme Prado Gouvêa, em entrevista a ele realizada por mim. “Era um ponto de encontro onde a turma convivia com o pessoal mais velho e fazia uma bagunça terrível, era uma molecagem terrível”, continua Jayme. De fato, não só o pessoal da redação ali se reunia; a eles iam juntar-se, nos finais de tarde, muitos outros aspirantes à literatura. Humberto Werneck, em **O desatino da rapaziada** (Werneck, 1992), declara que “o papo vespertino na redação do suplemento era animado, também, por escritores de outras gerações. Emílio Moura com sua conversa mansa, deliciosa. Bueno de Rivera, malicioso e lisonjeiro, não raro uma coisa e outra, com divertidas farpas nas entrelinhas. O ensaísta Ayres da Mata Machado Filho, quase inteiramente cego mas perito em cruzar a atravancada redação sem esbarrar numa só mesa, para dependurar seu chapéu numa estatueta de bronze ao fundo da sala. Mais raramente, Affonso Ávila, não só autor de uma obra importante como, cada vez mais, influenciador de sucessivas safras de poetas novos.” (Werneck, 1992, p. 181)

Da sala de redação, eles saíam para bares como o Pelicano e o Lucas, no Edifício Maletta, ou para o Saloon, localizado ali perto também da Imprensa Oficial, para continuarem seus papos animados e suas noites de boemia, ajudados pelo pessoal da música, sob o comando de Fernando Brant. Livraria, para a geração Suplemento, era a Livraria do Estudante, numa galeria da rua Espírito Santo, esquina com Tupis, “Lugar de reverenciar visitantes ilustres, como Clarice Lispector. Ou o psicanalista Roberto Freire, sucesso, em 1966, com o romance **Cleo e Daniel**, e que arrastou a Belo Horizonte, de kombi, para ilustrar uma palestra sobre música, um moço de olhos verdes ainda escassamente conhecido, Chico Buarque de Hollanda.” (Werneck, 1992, p. 181)

O Suplemento Literário continuava sua caminhada. Para comemorar seu primeiro aniversário, uma edição especial reuniu nomes como Drummond, Benedito Nunes, Francisco Iglésias, Dalton Trevisan, Emílio Moura, Haroldo de Campos. Tornou-se um hábito, aliás, publicar edições especiais, e não só de aniversário. Nesses casos, além da tiragem em papel jornal, circulavam cópias mais caprichadas, em papel de melhor qualidade e, quase sempre, em cores. Em 1968, os jovens escritores

e artistas plásticos de Minas mereceram um desses especiais, com o qual Murilo Rubião prestou “um serviço sem preço à nova geração, que chegava desordenadamente à cena: deu-lhe aquele eixo sem o qual uma geração corre o risco de nem sequer se constituir como um corpo. O Suplemento Literário do **Minas Gerais** já vinha, desde o início, desempenhando essa tarefa, na medida em que dava acolhida à produção de jovens autores de variada procedência. Com o “especial” de 1968, panorâmica abrangente, ele deu existência não a um grupo literário, mas a uma federação de grupos – a qual, sem prejuízo das diferenças, ficou conhecida como geração Suplemento.” (Werneck, 1992, p. 180)

Esse especial, intitulado “Arte e Literatura: os Novos”, desdobrado em duas semanas (27 de janeiro de 68 e 3 de fevereiro do mesmo ano), contém um riquíssimo material para se conhecer essa geração. O número I traz em sua primeira página um desenho de Jarbas Juarez, com balõezinhos que lembram os quadrinhos, contendo dizeres e pensamentos dessa turma, tais como: “Somos os sobreviventes do desespero” (Henry C. de Araújo); “Para que criam os concretistas? Para quem?” (Pellegrino); “E eu não vejo saída” (José Luiz); “Nouveau roman?” Ora, porque gastar 100 páginas descrevendo uma cafeteira?” (Sérgio Sant’Anna); “Escrever é uma forma de testemunho” (Adão Ventura); “O concretismo parou na soleira, nós é que temos de abrir a porta” (Márcio Sampaio); “Nossa geração é a de um tempo que ainda não houve” (José Márcio); “Não vejo a quem destruir, tudo está superado” (Luís Gonzaga Vieira); “Não perdemos tempo em chutar o cão morto” (Luiz Vilela); “Queremos é entender o mundo” (Humberto Werneck) e “A crise não é da poesia, é do Poeta” (Libério Neves).

Desfalcado de teóricos o grupo não chegou a equacionar em termos próprios os seus anseios e perplexidades, ainda que arriscassem alguns pensamentos litero-político-filosóficos, como os citados acima, proferidos durante uma mesa-redonda de que participaram, reproduzida às páginas 6, 7 e 8 desse número, sob o título “Os caminhos e os descaminhos da literatura: falam os novos de Minas”, quando então discutem por que escrevem, para que, para quem, contra que lutam e o que desejam provar, documento de incontestável importância para quem quer conhecê-los mais de perto. Longe de manifestarem uma atitude de contestação, o que se nota é apenas um ceticismo com relação às proposições teóricas e um apego à prática objetiva.

O número I traz ainda em suas páginas um ensaio de Luís Gonzaga Vieira (“Aparte à literatura dos novos”), e um de Victor de Almeida (“Cinema mineiro: a última safra”), contos de José Márcio Penido (“O séquito”), de Marilda Bernardino (“Me deixem só”), de José Francisco Rezek (“Os últimos anos”), de Carlos Roberto Pellegrino (“Finado Cocó”) e de Humberto Werneck (“Febre aos trinta e nove degraus”), além de poemas de Adão Ventura (“Procissão”), de Valdimir Diniz (“Ouro Preto II”), de Fernando Rios (“Poema”), de Márcio Sampaio (“Cegocêntrico: três fases do poema”) e de Marco Antônio de Campos Guimarães (“Tiradentes: a igreja”).

O número II dessa edição vai trazer também em sua primeira página os mesmos dizeres e pensamentos constantes no número I, agora dispostos de maneira diferente, também num desenho de Jarbas Juarez. Dele constam ainda um ensaio de José Renato de Pimentel e Medeiros (“Também o surrealismo”), poemas de Elmo de Abreu Rosa (“O fantasma mineiro [atributos gerais]”), de representantes da jovem poesia de Cataguases, como Joaquim Branco (“Maralto”), P. J. Ribeiro (“Epopéia ou Revolução”), Plínio Filho (“Trilogia do cavaleiro andante”) e Ronaldo Werneck (“Amada: flash-back”), além dos poemas de Henry C. de Araújo (“Analogias”), de Ubirassu Carneiro da Cunha (“Poema Mossoró, sol e sal”), de Libério Neves (“Descobrimiento”), de Sebastião Nunes (“Algum jogo floral sobre a natureza íntima da poesia – poema sentimental para Gertrude Stein”), de Dirceu Xavier (“Claro motivo”), de Márcio Almeida (“Exercício n. 1”), de José Luiz de Andrade (“Máquina”), de Mauro Márcio (“Poema 1”), de João Paulo Gonçalves (“Cemitério”) e de Luís Márcio Ribeiro Vianna (“Ofício de pesca”), como também os contos de Gilberto Mansur (“Meia volta”), de Sérgio Sant’Anna (“Lassidão”) e de Luiz Vilela (“Olhos verdes”). À página 10 vemos enumerados de 1 a 33 “Os jovens poetas e prosadores”, com uma pequena nota biográfica de cada um deles, e à página 11, enumerados de 1 a 11, “Artes plásticas: os novos”, também com uma pequena nota biográfica, ficando assim caracterizados os novos escritores e artistas plásticos de Minas.

Os jovens contistas mineiros mereceram ainda uma publicação, no ano de 1971, denominada **Contos Gerais – antologia de novos contistas mineiros**, editada pelas Edições Oficina, nome que Humberto Werneck, segundo Jaime Prado Gouvêa, inventara, para tirar aquele ranço de coisa oficial das publicações que saíam pela Imprensa Oficial e que levavam o nome de I. P. (Imprensa Publicações). Essa coletânea, com apresentação de Rui Mourão, reúne os jovens contistas mineiros que atuavam no Suplemento Literário e que foram lançados por esse jornal, por **Estória e Texto**, constituindo-se no panorama mais ou menos completo de quase uma década de tentativas de renovação do gênero. Na apresentação, assim se expressa Rui Mourão, ao falar da obra desses jovens com que convivera de muito perto:

Sente-se um esforço geral de procura de caminhos, mas a maioria busca se descartar dos princípios fundamentais da estética inspirada pelo formalismo russo. O intento de quase todos é o de realizar uma ficção em termos modernos, com a utilização dos processos mais atuais, sem que a sua missão de artista esteja centrada na obstinação de, a todo custo, renová-los. (Mourão, s.d., p. 7)

Em 1969, Murilo Rubião saiu do comando do suplemento, para assumir outras funções na Imprensa Oficial e nunca mais cuidaria diretamente do semanário, embora estivesse sempre de passagem por ali, nos finais de tarde, para ver o que se tinha feito e levar para casa, dando sua opinião. Quis deixar em seu lugar o escritor Rui Mourão que, no entanto, não pôde assumir o cargo, devido a razões de ordem política. Assumi, então o poeta Libério Neves, substituído pouco depois por Ildeu

Brandão. A seguir, veio Ângelo Oswaldo, talento da novíssima geração, e que deu vida nova ao suplemento. Era uma época em que o jornal teve de enfrentar sérios problemas, que continuaram durante a gestão de Mário Garcia de Paiva, seu sucessor. Eram tempos difíceis para o suplemento, que nessa altura, perdeu praticamente toda a sua importância. Novo alento, porém, veio com a nomeação de Wander Pirolí, em janeiro de 1975, mas durou pouco tempo. Tempos melhores só vieram, realmente, em 1982, quando Murilo tornou-se diretor da Imprensa Oficial e nomeou Duílio Gomes secretário do suplemento. Formou-se uma ótima equipe de redação, e encomendou-se ao poeta e artista gráfico Sebastião Nunes uma nova cara para o semanário, realizando-se ali um bom trabalho, durante alguns anos. Mas, sem sombra de dúvida, a época áurea do Suplemento Literário já estava muito distante. Segundo Humberto Werneck, “para o poeta Affonso Ávila, por exemplo, o ouro está ali naqueles primeiros anos – 1966, 1967, 1968. Se lhe pedirem que mostre a sua coleção do Suplemento Literário do **Minas Gerais**, ele exhibirá uma pilha de jornais onde a data mais recente é 17 de maio de 1975. Nesse dia circulou a edição n. 454 – a última feita por Wander Pirolí. Foi nesse momento preciso que, para Affonso Ávila, o jornal criado por Murilo Rubião deixou de ser relevante.” (Werneck, 1992, p. 184)

Era o fim também da última geração literária articulada que surgiu em Belo Horizonte, geração essa que durou, praticamente, uma década. Sua contribuição para a literatura e as artes plásticas de Minas e do Brasil é incontestável e será sempre lembrada com saudade, pelos ótimos frutos que produziu. Basta pensar nos prêmios nacionais que essa turma arrematou...

A importância que Murilo Rubião teve para essa gente foi resumida por Jaime Prado Gouvêa, em sua entrevista, com uma simples frase: “Murilo foi tudo!”, que bem expressa a admiração, o carinho e a amizade que dispensavam ao mestre, companheiro e amigo. A esse respeito também é bastante significativo um documento que encontrei no acervo do escritor, misto de carta e abaixo-assinado, datado de 27 de junho de 1967, onde se lê:

Murilo:

os seus amigos fazem aqui um apelo de coração para que continue à frente do suplemento literário, criação sua, filho seu, que você, com seu prestígio projetou nacional e internacionalmente, projetando com ele também a literatura e arte de Minas.

O suplemento é você e sem você não será o mesmo. (22 assinaturas no total, entre elas, as mais legíveis: Affonso Ávila, Márcio Sampaio, Humberto Werneck, Luiz Vilela, Carlos Roberto Pellegrino, Sérgio Sant’Anna e Silva, Luís Gonzaga Vieira, Adão Ventura, Laís Corrêa de Araújo, Heitor Martins e Gilberto Mansur).

Quanto ao que pensavam da cidade de Belo Horizonte, a maioria dos jovens de Minas deixou-se contaminar pelas idéias antigas que circulavam por aqui, segundo as quais “essa cidade não é para gente de talento não. Para formar gente de talento, sim, ela é boa, mas depois é preciso sair. Quem fica está perdido: a cidade devora suas crias. É um círculo fatal, historicamente comprovado. O círculo está traça-

do desde o início. É preciso uma violência para rompê-lo. E isso tem de ser feito agora, quando se é jovem. Depois será tarde”. (Suplemento Literário do **Minas Gerais**, 1972, p. 10)

Assim, a grande maioria dos jovens deixou Belo Horizonte, à procura de outros caminhos. Murilo Rubião, o guru desta geração, porém, não se intimidou. Aqui ficou e... fez história.

RÉSUMÉ

En 1966, le gouverneur de Minas Gerais, Mr. Israel Pinheiro a demandé l'inclusion d'une page de Littérature dans le journal officiel, Minas Gerais. Par suggestion de l'écrivain Murilo Rubião, a été ainsi créé un supplément qui, malgré le nom littéraire, Suplemento Literário do **Minas Gerais**, contenait des matières diverses à propos de musique, arts plastiques et cinéma. Ceci signale aussi la naissance d'un journal qui servirait d'instrument d'expression de toute une génération de nouveaux écrivains et artistes de Minas Gerais qui seront connus comme la "Génération Supplément". Le texte présent essaie de nous faire connaître cette génération, en tant qu'il montre comment elle s'est constitué, ses participants les plus importants et le type de production qui a été faite, ainsi qu'il essaie de caractériser le rôle que l'écrivain Murilo Rubião a joué par rapport aux jeunes de cette époque.

Referências bibliográficas

MINAS GERAIS, Belo Horizonte, n. 279, 1º jan. 1972. Suplemento Literário, p. 10.

MOURÃO, Rui. In: **Contos gerais**; antologia de novos contistas mineiros. Belo Horizonte: Oficina, s.d.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.